

“A PROSA LIBERTA”: LINGUAGEM, MESSIANISMO E UTOPIA EM WALTER BENJAMIN¹

Fernando Araujo Del Lama²

RESUMO: Trata-se de examinar a imbricação entre linguagem, messianismo e utopia no pensamento de Walter Benjamin a partir da ideia de “prosa liberta” (*befreite Prosa*). Tal ideia, enunciada em uma das notas preparatórias que acabaram por não integrar as teses *Sobre o conceito de história*, compreende elementos das reflexões benjaminianas sobre a linguagem, sobre a dimensão messiânica da história, bem como sobre a concepção de utopia, baseada em uma versão libertária, antiautoritária, do comunismo. De modo a explorar tais elementos, serão analisados escritos de Benjamin que versam sobre as temáticas articuladas por tal ideia, como *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem*, as próprias teses *Sobre o conceito de história*, *O contador de estórias*. *Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, além de referências a outros, de maneira menos central para a construção do argumento.

Palavras-chaves: Walter Benjamin, prosa liberta, linguagem, messianismo, utopia.

ABSTRACT: The aim of this paper is to examine the imbrication between language, messianism and utopia in Walter Benjamin’s thought from the idea of “liberated prose” (*befreite Prosa*). This idea, which was enunciated in one of the preparatory notes that did not integrate the theses *On the concept of History*, includes elements of Benjamin’s reflections on language, on the messianic dimension of history, as well as on his conception of utopia, which is based on a libertarian, anti-authoritarian, version of communism. In order to explore such elements, we will analyze Benjamin’s writings on the themes that are articulated by such an idea, such as *On Language as Such and on the Language of Man*, the own theses *On the concept of History*, *The Storyteller*. *Observations on the Works of Nikolai Leskov*, in addition to references to others, in a less central way, however, for the construction of the argument.

Keywords: Walter Benjamin, Liberated Prose, Language, Messianism, Utopia.

“Os limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo”

Ludwig Wittgenstein, Tractatus Logico-Philosophicus, § 5.6

¹ Uma versão resumida deste artigo foi apresentada, sob o mesmo título, como comunicação oral no III Encontro de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG, realizado em junho de 2018; registre-se, aqui, o agradecimento à comissão organizadora e aos demais participantes do Encontro pela gentil acolhida de meu trabalho.

² Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo, com pesquisa orientada pelo Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Terra e fomentada pela FAPESP (Processo N°: 2017/05560-5).

“O mundo messiânico é”, explica Benjamin,

o mundo de uma atualidade plena e integral. Só nele existe uma história universal. Não a história escrita, mas a festivamente experienciada. Essa festa foi expurgada de toda a solenidade, não conhece cânticos celebratórios. A sua língua é a prosa liberta, que rebentou com os grilhões da escrita³.

É nesse contexto que a ideia de “prosa liberta” (*befreite Prosa*) é enunciada. E, apesar de seu caráter de esboço, já que formulada em meio a reflexões preparatórias que não integram nenhuma das “versões definitivas”⁴ das teses *Sobre o conceito de história*, além de figurar, também, sob a alcunha de “prosa integral” (*integrale Prosa*) nestas mesmas reflexões preparatórias⁵, tal ideia permite iluminar retrospectivamente as especulações benjaminianas acerca da linguagem, da visão messiânica da história e dos modos de realização e configuração da utopia vindoura, baseada em uma versão libertária, antiautoritária, do comunismo, conferindo, assim, unidade de sentido à articulação delas.

A busca por esse sentido se dará através da retomada de textos de Benjamin que versam sobre os três eixos temáticos articulados pela ideia de “prosa liberta”, tais como *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem*, as teses *Sobre o conceito de história* e *O contador de histórias. Considerações sobre a obra de Nikolai*

³ BENJAMIN. *GS I-3*, p. 1235 / *WuN 19*, p. 140 [“Comentários – Sobre o conceito da História”, p. 180]. Os textos de Walter Benjamin são citados de acordo com a edição *Gesammelte Schriften*, estabelecida por Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser e editada em sete volumes pela editora Suhrkamp entre 1972 e 1989, abreviada por *GS*, seguida da indicação do volume em algarismos romanos e do tomo em algarismos arábicos, além da página, também em números arábicos. Os textos inseridos em volumes já publicados da edição crítica (*Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe*) são indicados de modo complementar, através da abreviatura *WuN*, seguida da indicação do volume e página, ambos em algarismos arábicos. Do mesmo modo, as cartas são citadas de acordo com a edição *Gesammelte Briefe*, estabelecida por Christoph Gödde e Henri Lonitz e editada em seis volumes pela editora Suhrkamp entre 1995 e 2000, através da abreviatura *GB*, seguida da indicação do volume em algarismos romanos, bem como da página em números arábicos. Por fim, são indicados na sequência, entre colchetes, título e página das traduções utilizadas, cujos dados completos podem ser conferidos nas referências bibliográficas ao final do texto.

⁴ Ver BENJAMIN. *Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe - Band 19: Über den Begriff der Geschichte*. Este volume da edição crítica das obras de Benjamin reúne todas as “versões definitivas” das Teses – a que foi transmitida a Hannah Arendt, a tradução francesa feita pelo próprio autor, a que foi publicada na edição de 1942 da *Revista do Instituto de Pesquisa Social*, dentre outras –, bem como os esboços a elas relacionados, nos quais se trata do tema da “prosa liberta”.

⁵ A expressão “prosa liberta” se encontra no fragmento “Novas teses K”, ao passo que a variação “prosa integral” está contida no fragmento intitulado “A imagem dialética”, em BENJAMIN. *GS I-3*, p. 1238 / *WuN 19*, p. 125 [“Comentários – Sobre o conceito da História”, p. 184].

Leskov⁶, com o intuito de encontrar neles passagens que auxiliem na iluminação dos aspectos mais centrais de tal ideia.

I

Iniciemos, pois, pela perspectiva da linguagem. Um dos poucos textos no qual Benjamin desenvolve de modo consistente suas reflexões sobre a linguagem é o ensaio de 1916 intitulado *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem*. Completamente embebido dos referenciais teológicos que alimentavam seu pensamento à época, o autor sustenta neste ensaio, comentando o livro bíblico do *Genesis*, uma distinção entre duas variantes de linguagem: por um lado, há a linguagem que nomeia, comunicadora da essência, propriamente divina. Benjamin a caracteriza do seguinte modo:

⁶ Seguindo tendências mais recentes para a tradução de *der Erzähler*, que optam por *the storyteller* no inglês, por *le conteur* no francês e por *el cuentacuentos* no espanhol em vez de *the narrator*, *le narrateur* e *el narrador*, respectivamente – tendências estas que, inclusive, se exprimem na recente tradução de Patrícia Lavelle, em BENJAMIN. “O contador de histórias. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, bem como na tradução de João Barrento, em BENJAMIN. “O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov” –, utilizou-se neste trabalho a expressão *o contador de estórias* em vez de *o narrador*. Tal opção se justifica pela distinção entre as concepções literária e histórico-filosófica desta figura: o *Erzähler* tratado pelo autor não é o “narrador” meramente literário, aquela entidade fictícia que enuncia o discurso no interior de uma narrativa, acepção mais comum do termo, mas possui contornos filosóficos bastante delineados, como o “contador de estórias”, aquele capaz, por excelência, de intercambiar experiências oralmente, em seu sentido pleno; trata-se, em suma, de enfatizar não tanto a *ação de contar*, tampouco *quem conta*, mas sim as *estórias que são contadas*. Além disso, no interior desse quadro conceitual histórico-filosófico, o vocábulo *estória* foi introduzido para tentar dar conta da riqueza semântica que envolve tal temática na língua alemã, na qual há três termos utilizados para matizar diferentes nuances, como ressalta Jeanne Marie Gagnebin: *Geschichte*, ou história, que corresponde ao conjunto dos acontecimentos, *Historie*, ou *História* (com a inicial maiúscula), que representa a história enquanto saber, a disciplina, e *Erzählung*, ou *estória*, a história contada, que enfatiza sua dimensão narrativa, seja ela factual ou ficcional – ver GAGNEBIN. “O início da história e as lágrimas de Tucídides”, p. 13. Ademais, a solução proposta aqui procura ser consoante com as reflexões sobre tradução do próprio Benjamin, segundo as quais “diante do sentido, a língua da tradução tem o direito, aliás, o dever, de desprender-se, para fazer ecoar sua própria espécie de *intentio* enquanto harmonia, complemento da língua na qual se comunica, e não sua *intentio* enquanto reprodução do sentido” BENJAMIN. *GS IV-1*, p. 18 [“A tarefa do tradutor”, p. 115]; ver, ainda, a propósito disso, a nota 142, em BENJAMIN. “O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov”, p. 139, e PINHO; MACHADO. “Coligir, traduzir, editar W. Benjamin. Notas sobre uma coleção que inicia”, p. 13, particularmente o que concerne à mensagem transmitida a Paul Landsberg em 13 de dezembro de 1939, na qual Benjamin problematiza sua própria tradução de seu ensaio sobre Leskov para o francês: “Eis ‘O narrador’ (mas talvez fosse melhor traduzir: ‘O contador de estórias’ (*Le conteur*))” BENJAMIN. *GB VI*, p. 367. Assim, nas citações do referido texto, ainda que sejam mantidas as indicações da tradução de Sergio Paulo Rouanet revisada por Márcio Seligmann-Silva – em BENJAMIN. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” –, uma vez que é a mais difundida e de acesso mais amplo, algumas adequações terminológicas são realizadas e devidamente indicadas, tais como a substituição dos vocábulos “narrador” (*Erzähler*), “narrar” (*erzählen*) e “narrativa” (*Erzählung*) por “contador de estórias”, “contar estórias” e “estória”, respectivamente.

Nesse “Haja” e no “Ele chamou” [da palavra divina], no início e no fim dos atos, aparece, a cada vez, a profunda e clara relação do ato criador com a linguagem. Este começa com a onipotência criadora da linguagem, e ao final a linguagem, por assim dizer, incorpora a si o criado, ela o nomeia. Ela é aquilo que cria, e perfaz, ela é palavra e nome. Em Deus o nome é criador por ser palavra, e a palavra de Deus é saber por ser nome⁷.

A linguagem humana, pelo outro, é caracterizada por um uso meramente instrumental, que se vale de palavras que buscam comunicar algo externo a ela, operando, assim, apenas como mediadora. Esta é a linguagem decaída, separada do potencial criador do *Verbo* divino. Benjamin marca as diferenças entre os dois registros de linguagem da seguinte forma:

A palavra deve comunicar *alguma coisa* (afora de si mesma). Esse é realmente o pecado original do espírito linguístico. A palavra que comunica do exterior, expressamente mediada, é de certa forma uma paródia da palavra imediata, da palavra criadora de Deus; é também a queda do espírito adâmico, do espírito linguístico bem-aventurado, que se encontra entre ambos⁸.

Para a plena realização do ideal de “prosa liberta” seria necessário, portanto, o resgate da dimensão adâmica da linguagem. Seu potencial inerente de abertura de significado e de criação de sentido seria o responsável por guiar esse mundo messiânico, sempre atual, que prescinde do registro escrito, ainda preso às convenções meramente humanas. Afinal, “a infinitude de toda linguagem humana permanece sempre de natureza limitada e analítica em comparação com a infinitude absoluta, ilimitada e criadora da palavra divina”⁹. Contudo, uma questão permanece: *como* resgatar essa dimensão da linguagem? Para tematizá-la, talvez seja pertinente retomar alguns dos temas desenvolvidos nas teses *Sobre o conceito de história*.

II

De acordo com as análises feitas nas *teses*, não há possibilidades emancipatórias plenas, a instauração de uma sociedade regida pela “prosa liberta”, se há ainda opressão, seja ela econômica, oriunda das classes detentoras dos meios de produção em relação ao proletariado, seja ela política, oriunda dos governos totalitários em relação às minorias discordantes da ideologia vigente. Em meio a esse cenário, tanto

⁷ BENJAMIN. *GS II-1*, p. 148 [“Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem”, p. 61].

⁸ BENJAMIN. *GS II-1*, p. 153 [“Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem”, p. 67].

⁹ BENJAMIN. *GS II-1*, p. 149 [“Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem”, p. 62].

o fetichismo da mercadoria quanto a maquinaria propagandística fascista contribuíam decisivamente para a manutenção da opressão, já que são poderosos instrumentos mobilizados em favor dos agentes opressores. Estes, estando solidamente estabelecidos, dificilmente estarão dispostos a negociar ou ceder quaisquer avanços emancipatórias para as classes oprimidas, de modo a manter sua condição de dominação, de vencedores que triunfaram na História. Se as tentativas de negociação pacífica – à semelhança das estratégias socialdemocratas¹⁰ – se mostram ineficazes, trazendo uma falsa impressão de ganhos emancipatórios e corroborando, a longo prazo, com a perpetuação da dominação, resta apenas, diante de um adversário poderoso e articulado, reagir de maneira firme, enérgica, revolucionária, pois é somente eliminando as fontes de opressão que se abre o horizonte para a consumação efetiva da *redenção* (*Erlösung*), conceito central para a compreensão benjaminiana da ideia de utopia.

Em sua formulação do mundo redimido, Benjamin não se envereda nem pela ditadura do proletariado de extração marxista soviética, tampouco a concebe com qualquer tipo de cisão entre intelectuais e proletários, ainda que orientados para o mesmo fim, como parece sugerir Horkheimer¹¹, pois essas soluções manteriam algo condenável; trata-se, em vez disso, de uma formulação utópica que corresponde à realização humana das características presentes no reino messiânico prometido. Conforme ensina Michael Löwy, a noção benjaminiana de *redenção* traz em seu bojo

¹⁰ As críticas tecidas à socialdemocracia podem ser reconstituídas a partir de algumas das *teses* (XI, XII, XIII e XVIIa, sobretudo), bem como de trechos do ensaio sobre Eduard Fuchs, em especial do primeiro capítulo, que em muitos momentos antecipam – inclusive literalmente – alguns dos temas que seriam desenvolvidos posteriormente por Benjamin nas *Teses* – ver BENJAMIN. *GS II-2*, pp. 465-505 [“Eduard Fuchs, colecionador e historiador”, pp. 123-164]. Há um artigo de minha autoria no qual se faz tal reconstituição, bem como põe as críticas em diálogo com a recepção benjaminiana da própria ideia de “materialismo histórico” – ver LAMA. Dialogando com prógonos e epígonos; nas referências ao final do texto: LAMA, Fernando Araújo Del. Dialogando com prógonos e epígonos: Walter Benjamin relê o materialismo histórico. *Cadernos Benjaminianos*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 61-76, 2018. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/view/14652/1125612093>. Acesso em: 18/05/2019.

¹¹ “O intelectual que, numa veneração momentânea da força de criação do proletariado encontra sua satisfação em adaptar-se e em fazer apoteoses, não vê que qualquer poupança de esforços do seu pensamento e a recusa a uma oposição momentânea às massas, para as quais ele poderia levar os próprios pensamentos, faz com que estas fiquem massas mais cegas e fracas do que precisariam ser. Seu próprio pensamento faz parte do desenvolvimento das massas como um elemento crítico e estimulador. (...) O pensamento, a formulação da teoria, seria uma coisa, enquanto que o seu objeto, o proletariado, seria outra. Contudo, a função da teoria crítica torna-se clara se o teórico e a sua atividade específica são considerados em unidade dinâmica com a classe dominada, de tal modo que a exposição das contradições sociais não seja meramente uma expressão da situação histórica concreta, mas também um fator que estimula e que transforma” HORKHEIMER. “Teoria tradicional e teoria crítica”, pp. 143-4, tradução modificada.

marcas da noção de *apokatastasis*, oriunda do pensador cristão Orígenes¹². Segundo esta doutrina, no dia do Juízo Final, Deus salvaria todas as almas, sem fazer distinção entre elas, restaurando-as a um estado paradisíaco inicial, anterior à queda. Assim,

a redenção, o Juízo Final da tese III, é então uma apocatástase no sentido de que cada vítima do passado, cada tentativa de emancipação, por mais humilde e “pequena” que seja, será salva do esquecimento e “citada na ordem do dia”, ou seja, reconhecida, honrada, rememorada¹³.

Essa restauração não seria um retorno ao paraíso primevo no sentido mais forte, messiânico, mas a atualização de supostas experiências de um passado arcaico – cujo correspondente secular é justamente o modelo de comunismo primitivo estudado por Johann Jakob Bachofen¹⁴ – que, em interação com o novo, abriria os caminhos para, alegoricamente, isto é, buscando representar o simbolicamente irrepresentável, realizar no mundo o sonho da utopia. Numa bela e precisa formulação de Adorno sobre o funcionamento do procedimento alegórico em seu âmbito mais geral, para além da interpretação das obras de arte, tal procedimento consiste em “despertar no que estava petrificado a vida congelada, mas também considerar o que está vivo de modo tal que se apresente o que há muito já transcorreu, o ‘proto-histórico’, para liberar de súbito a significação”¹⁵. E o único meio para a efetivação dessa “restauração que instaura o novo” é a revolução, tomada como redenção (*Erlösung*), a libertação da humanidade enquanto desatar (*lösen*) dos grilhões que a aprisiona e a impede de se realizar plenamente. O motor que impulsiona a redenção na direção de sua realização é, justamente, a concepção de rememoração¹⁶ (*Eingedenken*), de modo que examinar a relação entre ambas certamente deve auxiliar em sua compreensão.

A primeira menção de Benjamin à noção de redenção, em relação ao conjunto das teses, é feita já na tese II: ali ele conclui, após uma reflexão a partir de um excerto de Hermann Lotze, que “na representação da felicidade vibra conjuntamente,

¹² LÖWY. *Walter Benjamin – Aviso de Incêndio*, p. 55. Embora Benjamin não cite e nem faça referência ao conceito origenista nas *teses*, ele conhecia a doutrina do pensador cristão, como fica claro na alusão feita a ela no capítulo 17 de seu ensaio sobre Nikolai Leskov – ver BENJAMIN. *GS II-2*, p. 458 [“O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, p. 233].

¹³ LÖWY. *Walter Benjamin – Aviso de Incêndio*, p. 55.

¹⁴ Os anseios democráticos presentes na filosofia de Benjamin podem ser assimilados a partir do elogio às sociedades matriarcais na aurora da humanidade, estudadas por Bachofen em seu livro sobre o matriarcado (*Mutterrecht*). Esta apropriação das descobertas de Bachofen encontra precursores importantes, como Friedrich Engels, tal como o próprio Benjamin nota em seu artigo sobre o antropólogo – ver *GS II-1*, pp. 219-233 [“Johann Jakob Bachofen”, pp. 91-107].

¹⁵ ADORNO. “Caracterização de Walter Benjamin”, p. 228.

¹⁶ Afinal, tal como observa Michael Löwy, “a rememoração está no cerne da relação teológica com o passado e da própria definição de *Erlösung*” LÖWY. *Walter Benjamin – aviso de incêndio*, p. 54.

inalienável, a da redenção”¹⁷. Em seguida, Benjamin propõe a passagem da redenção do plano individual a um plano coletivo: “Com a representação do passado, que a História toma por causa, passa-se o mesmo. O passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção”¹⁸. Ora, como observa Löwy com sua característica erudição numa nota de seu comentário, “o termo *Erlösung* tem um significado ao mesmo tempo e inseparavelmente teológico – a salvação – e político: a libertação, a liberação. Isso vale também para o termo equivalente em hebraico: *ge'ulah*”¹⁹. É, pois, exatamente esta ambivalência quanto ao sentido de redenção que possibilita sua interpretação política²⁰. Para a humanidade alcançar sua redenção, o “sujeito do conhecimento histórico” – “a classe oprimida, a classe combatente”²¹ – deve, através da rememoração histórica dos feitos dos derrotados do passado e, portanto, de sua atualização no presente, incorporar as “fracas forças messiânicas” que lhes foram atribuídas, o “índice secreto” de que fala Benjamin nesta segunda tese. A revolução passa a ser, nas *teses*, tarefa não só do proletariado, mas principalmente das classes historicamente oprimidas: “A redenção messiânica/revolucionária é uma tarefa que nos foi atribuída pelas gerações passadas. Não há um Messias enviado do céu: somos nós o Messias, cada geração possui uma parcela do poder messiânico e deve se esforçar para exercê-la”, uma vez que “Deus está ausente, e a tarefa messiânica é inteiramente atribuída às gerações humanas. O único messias possível é coletivo: é a própria humanidade, mais precisamente (...) a humanidade oprimida”²².

Na tese III, passo lógico diretamente complementar à tese anterior, Benjamin escreve que “só à humanidade redimida cabe o passado em sua inteireza. (...) Cada um dos instantes vividos por ela torna-se uma *citation à l'ordre du jour* – dia que é justamente, o do Juízo Final”²³. Aqui, novamente a ideia de rememoração assume um papel preponderante. “A redenção exige”, argumenta Löwy, “a rememoração integral do passado, sem fazer distinção entre os acontecimentos ou os indivíduos 'grandes' e 'pequenos’”, tal como o faz o cronista da tese; “enquanto os sofrimentos de um único ser humano forem esquecidos, não poderá haver libertação”²⁴. É a referência, no final da

¹⁷ BENJAMIN. *GS I-2*, p. 693 / *WuN 19*, p. 69 [“Sobre o conceito de história”, p. 48].

¹⁸ BENJAMIN. *GS I-2*, p. 693 / *WuN 19*, pp. 69-70 [“Sobre o conceito de história”, p. 48].

¹⁹ LÖWY. *Walter Benjamin – aviso de incêndio*, p. 48, nota 16.

²⁰ O capítulo do livro Mate dedicado a tese II tem o feliz título de “a dimensão política da memória” – ver MATE. *Meia noite na história*, pp. 85 ss.

²¹ BENJAMIN. *GS I-2*, p. 700 / *WuN 19*, p. 77 [“Sobre o conceito de história”, p. 108].

²² LÖWY. *Walter Benjamin – aviso de incêndio*, pp. 51-2.

²³ BENJAMIN. *GS I-2*, p. 694 / *WuN 19*, p. 70 [“Sobre o conceito de história”, p. 54].

²⁴ LÖWY. *Walter Benjamin – aviso de incêndio*, p. 54.

tese, ao “Juízo Final” que evoca de maneira clara a ideia de *apocatástase*, ou de sua correspondente na mística judaica, a *tikkun*. Assim, “a lembrança, a contemplação, na consciência, das injustiças passadas, ou a pesquisa histórica, aos olhos de Benjamin, não são suficientes. É preciso, para que a redenção aconteça, a reparação – em hebraico, *tikkun* – do sofrimento, da desolação das gerações vencidas, e a realização dos objetivos pelos quais lutaram e não conseguiram alcançar”²⁵.

III

É no ensaio sobre Leskov que Benjamin estabelece um elo entre a experiência comunitária e a linguagem, fornecendo um modelo para a comunicação, baseado no ideal de prosa liberta, na comunidade utópica vindoura²⁶. É o próprio Benjamin quem indica isso: na sequência imediata da passagem citada na abertura do texto, há uma frase, entre parênteses, na qual se afirma que a “ideia de prosa coincide com a ideia messiânica da história universal”, seguida de uma referência ao ensaio sobre Leskov, especificada como “os tipos da prosa artística como espectro da histórica”²⁷. Ora, é no capítulo 13 do referido ensaio que se encontra o desenvolvimento de tal tema. Ali, Benjamin estabelece relações entre a prosa histórica, ou historiografia, e algumas formas de prosas artísticas – marcadamente à forma épica mais antiga, a epopeia, que se desdobra, por sua vez, na estória (*Erzählung*) e no romance –, do seguinte modo:

Se o registro escrito do que foi transmitido pela recordação (*Erinnerung*) – a historiografia – representa uma zona de indiferenciação criadora com relação às várias formas épicas (como a grande prosa representa uma zona de indiferenciação criadora com relação às diversas formas métricas do verso), sua forma mais antiga a epopeia propriamente dita, contém em si, por uma espécie de indiferenciação, a estória (*Erzählung*) e o romance²⁸.

²⁵ LÖWY. *Walter Benjamin – aviso de incêndio*, p. 51.

²⁶ Ainda que mobilizado em função de um propósito distinto, desvinculado da ideia de revolução, Habermas leu muito bem esse aspecto da filosofia benjaminiana; aliás, em seu único artigo dedicado a Benjamin, é justamente no intercâmbio de experiências comunicáveis, bem como na possibilidade de transcender o caráter “decaído” da linguagem instrumentalizada, resgatando sua dimensão constitutiva e essencial calcada na compreensão mútua e na comunicabilidade, que ele insiste residir a “atualidade de Benjamin” – ver HABERMAS. “Crítica conscientizante ou salvadora – A atualidade de Walter Benjamin”, pp. 202 ss. Não por acaso, obviamente, estes elementos vão totalmente ao encontro das teorizações habermasianas sobre o agir comunicativo.

²⁷ BENJAMIN. *GS* I-3, p. 1235 / *WuN* 19, p. 140 [“Comentários – Sobre o conceito da História”, p. 180].

²⁸ BENJAMIN. *GS* II-2, p. 453 [“O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, p. 228, tradução modificada]. No fecho da série de esboços que compõe o fragmento “Novas teses K”, Benjamin propõe outra comparação envolvendo a prosa histórica, porém, desta vez, com as línguas existentes como objeto. “A pluralidade das ‘escritas da história’ (*Historien*)”, estabelece ele, “é intimamente aparentada,

É, pois, essa “indiferenciação criadora” que permite pensar a prosa liberta como fundamento da “ideia messiânica da história universal”, já que ela se baseia em uma matriz aberta, que aglutina as mais diversas formas de prosa. Assim, ela confere à história messiânica sua dimensão universal, já que a aglutinação das mais diversas formas de prosa histórica traduz-se em sua completa obsolescência e inutilidade, abrindo espaço para a sua experimentação plena e sempre atual, rebentando, pois, com as amarras da escrita. E essa experimentação plena da história, que prescindir das formas escritas de sua veiculação, encontra na figura prototípica do contador de histórias (*Erzähler*), em seu fazer específico, um modelo a ser buscado. Isso pode ser mais facilmente iluminado recorrendo à contraposição benjaminiana entre o cronista, herdeiro do contador de histórias, e o historiador-cientista, pertencente a uma família de historiadores que enfatizam o teor verificável dos testemunhos:

O cronista é quem conta a história. (...) O historiador é obrigado a explicar de uma ou outra maneira os episódios com que lida; ele não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo. É exatamente isso, porém, o que faz o cronista, especialmente em seus representantes clássicos, os cronistas medievais, antecessores da historiografia moderna. Ao colocarem na base de seu modo de contar a história (*Geschichtserzählung*) o plano da salvação, inescrutável em seus desígnios, libertaram-se com isso desde o início do ônus da explicação verificável. Ela é substituída pela exegese, que não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas²⁹.

Tanto é que, nas *teses*, será justamente a figura do cronista que será invocada como o paradigma do historiador revolucionário: “O cronista”, diz Benjamin na terceira tese, “que narra profusamente os acontecimentos, sem distinguir grandes e pequenos, leva com isso a verdade de que nada do que alguma vez aconteceu pode ser dado por perdido para a história”³⁰. À revelia do proceder do historiador-cientista, que busca encadear os eventos e explicar sua sucessão, o cronista se contenta em dispô-los lado a lado em sua integralidade, tanto os laureados pelos vencedores quanto os

se não mesmo idêntica, à pluralidade das línguas. A história universal no sentido atual é sempre apenas uma espécie de esperanto” BENJAMIN. *GS* I-3, p. 1235 / *WuN* 19, p. 140 [“Comentários – Sobre o conceito da História”, p. 180].

²⁹ BENJAMIN. *GS* II-2, pp. 451-2 [“O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, p. 226, tradução modificada]. A ausência de explicação verificável característica do relato do cronista tem Heródoto como modelo, cujo “relato é dos mais secos”, “não explica nada” BENJAMIN. *GS* II-2, p. 446 [“O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, p. 220].

³⁰ BENJAMIN. *GS* I-2, p. 694 / *WuN* 19, p. 70 [“Sobre o conceito de história”, p. 54].

soterrados junto aos vencidos; e ao fazê-lo, permitindo aos herdeiros dos vencidos se darem conta da tradição na qual eles se inserem, ele produz a abertura necessária à emergência de uma nova história. Afinal, “[q]uem pretende se aproximar do próprio passado soterrado”, ensina Benjamin em uma de suas *imagens-pensamento*,

deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Especificamente as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador³¹.

Retomando, por fim, à guisa de conclusão, a epígrafe deste artigo, se, como postula Wittgenstein, “[o]s limites de minha linguagem denotam os limites de meu mundo”³², libertar a prosa dos grilhões da escrita significa, em Benjamin, o estabelecimento de uma linguagem plena e sempre atual, despertando seu potencial infinito de abertura de significado e de criação de sentido, para além de sua reificação imobilizante na letra fria. Uma vez estabelecido este modelo, rompe-se justamente com os limites da linguagem e, conseqüentemente, com os limites do próprio mundo, dando suporte, assim, à explosão do *continuum* do tempo “homogêneo e vazio” e ao advento da utopia do mundo redimido, depurado de toda injustiça e sofrimento.

REFERÊNCIAS

LAMA. Dialogando com prógonos e epígonos; nas referências ao final do texto:
LAMA, Fernando Araújo Del. Dialogando com prógonos e epígonos: Walter Benjamin relê o materialismo histórico. *Cadernos Benjaminianos*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 61-76, 2018. Disponível

³¹ BENJAMIN. *GS IV-1*, p. 400 [“Imagens do pensamento”, pp. 245-6]. A *imagem-pensamento* em questão chama-se “Escavando e lembrando”; é notável como nela, escrita provavelmente em 1932, já se encontram antecipadas, ainda que de maneira rudimentar, as grandes linhas que marcarão a reflexão materialista de Benjamin sobre a memória. Há um artigo de Ernani Chaves no qual ele examina tal fragmento e o relaciona, por meio da imagem arqueológica nele contida, a Freud – importante referência benjaminiana, como se sabe, para pensar os temas da memória e da consciência –, particularmente ao conceito freudiano de “construção” – ver CHAVES. “Construções na história, construções em análise”.

³² WITTGENSTEIN. *Tractatus Logico-Philosophicus*, p. 111 / 5.6.

em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cadernosbenjaminianos/article/view/14652/1125612093>. Acesso em: 18/05/2019.

ADORNO, Theodor W. “Caracterização de Walter Benjamin” in: *Prismas*. Crítica cultural e sociedade. Tradução: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Hrsg. von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. 7 Bände. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1972-91.

_____. *Gesammelte Briefe*. Hrsg. von Christoph Gödde und Henri Lonitz. 6 Bände. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995-2000.

_____. “Sobre o conceito de história” in: LÖWY, M. *Walter Benjamin – Aviso de Incêndio*. Comentário sobre as teses “Sobre o conceito de História”. Tradução das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005. (Marxismo e literatura)

_____. *Werke und Nachlaß. Kritische Gesamtausgabe - Band 19: Über den Begriff der Geschichte*. Herausgegeben von Gérard Raulet. Mit vierfarbigen Faksimiles. Berlin: Suhrkamp, 2010.

_____. “A tarefa do tradutor” in: *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Organização, apresentação e notas: Jeanne Marie Gagnebin; tradução: Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011.

_____. “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem” in: *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Organização, apresentação e notas: Jeanne Marie Gagnebin; tradução: Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011.

_____. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” in: *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª Ed. revista. Tradução: Sergio Paulo Rouanet; rev. técnica: Márcio Seigmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, 1)

_____. “Rua de mão única” in: *Rua de mão única*. 6ª Ed. revista. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa; rev. técnica: Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, 2)

_____. “Comentários – Sobre o conceito da História” in: *O anjo da história*. Organização e tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Filô/Benjamin)

_____. “Eduard Fuchs, colecionador e historiador” in: *O anjo da história*. Organização e tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Filô/Benjamin)

_____. “Johann Jakob Bachofen” in: *O anjo da história*. Organização e tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Filô/Benjamin)

_____. “O contador de histórias. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” in: *A arte de contar histórias*. Organização e posfácio: Patrícia Lavelle; tradução: Georg Otte, Marcelo Backes e Patrícia Lavelle. São Paulo: Hedra, 2018. (Coleção Walter Benjamin, 1)

_____. “O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov” in: *Linguagem, tradução e literatura* (filosofia, teoria e crítica). Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. (Filô/Benjamin)

CHAVES, Ernani. “Construções na história, construções em análise: presença de Freud na filosofia da história de Walter Benjamin” in: SAFATLE, Vladimir; MANZI, Ronaldo (Orgs.). *A filosofia após Freud*. São Paulo: Humanitas, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O início da história e as lágrimas de Tucídides” in: *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

HABERMAS, Jürgen. “Crítica conscientizante ou salvadora – A atualidade de Walter Benjamin” in: *Sociologia*. Seleção e tradução: Bárbara Freitag e Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ática, 1980. (Grandes cientistas sociais, 15)

HORKHEIMER, Max. “Teoria tradicional e teoria crítica” in: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max *et al.*, *Textos escolhidos*. Vários tradutores. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Os Pensadores, 48)

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin – Aviso de Incêndio: uma leitura sobre as teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005. (Marxismo e literatura)

MATE, Reyes. *Meia noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin “Sobre o conceito de história”*. Tradução: Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2011. (Focus, 18)

PINHO, Amon; MACHADO, Francisco Pinheiro. “Coligir, traduzir, editar W. Benjamin. Notas sobre uma coleção que inicia” in: *A arte de contar histórias*. Organização e posfácio: Patrícia Lavelle; tradução: Georg Otte, Marcelo Backes e Patrícia Lavelle. São Paulo: Hedra, 2018. (Coleção Walter Benjamin, 1)

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução e apresentação: José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.